

BACHELARD E HEIDEGGER: A SITUAÇÃO DAS CIÊNCIAS

Constança Marcondes César

Não há, nos textos de Bachelard, uma classificação explícita das ciências. Tentaremos descobrir a sua situação, a partir da sugestão feita por Ginestier (*), interrogando a obra do epistemólogo.

Três pressupostos bachelardianos orientarão a busca:

a) nem todas as ciências se encontram no mesmo nível de evolução epistemológica. Em conseqüência, nas várias ciências, ocorre uma pluralidade de filosofias e de métodos, não exclusivos, mas igualmente aceitáveis, na medida em que respondem a diferentes modos de abordar o real. Essa pluralidade filosófica e metodológica expressa um conhecimento aproximativo do objeto: “ (...) o espírito científico só pode progredir criando métodos novos (...). Os conceitos e os métodos são funções do domínio da experiência; todo pensamento científico deve mudar diante de uma experiência nova (...)” (1). “A reflexão filosófica, quando se exerce sobre o pensamento científico, não deve ter por objetivo julgamentos de caráter geral, válidos para todas as ciências. Com efeito, as ciências contemporâneas são filosoficamente muito diferentes umas das outras. Estão longe de se encontrarem no mesmo nível de racionalidade (...)” (2);

b) há uma dualidade no sujeito cognoscente: o homem **diurno**, que utiliza a **razão** como instrumento da ciência. É o sujeito da consciência clara, que busca a verdade rompendo com o conhecimento vulgar e superando obstáculos epistemológicos. E o homem **noturno**, que pela **fantasia** e **imaginação** se instaura no mundo e o apreende através da poesia. Esta dualidade aponta a complementaridade entre a ciência e a arte, que o sujeito cognoscente realiza em si mesmo e cuja projeção objetiva constitui o ideal do saber em nosso tempo:

c) a relação entre o sujeito e o objeto é dinâmica. Desse dinamismo básico decorre uma intersecção entre as ciências, as ciências e a filosofia, as ciências e a poesia.

A relação entre a arte e a ciência dá-se através da psicanálise do conhecimento objetivo.

(*) *Pour Connaitre la pensée de Bachelard*, Paris, Bordas.

(1) Gaston Bachelard, *Le Nouvel Esprit Scientifique*, Paris, P.U.F., pág. 134.

(2) *Id*, *L'Engagement rationaliste*, Paris, P.U.F., pág. 89.

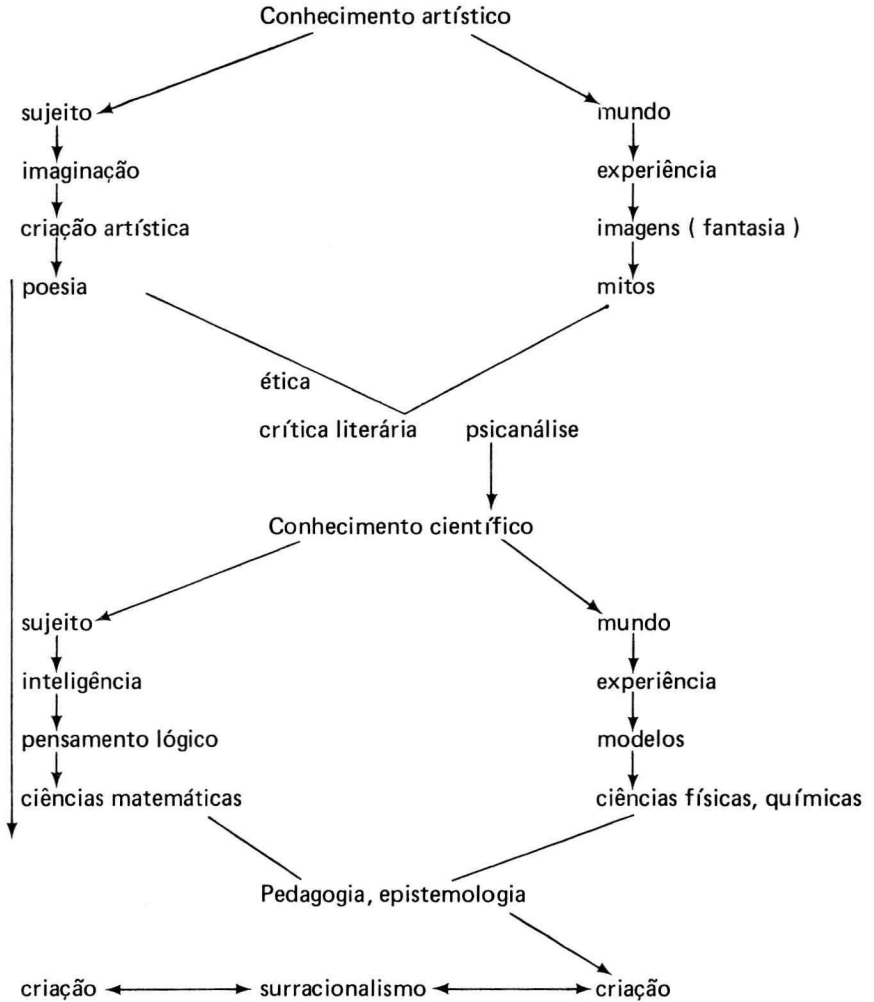
A situação das ciências inspirada em Bachelard implica, portanto, uma antropologia que afirma determinada estrutura da consciência humana como suporte para as alternâncias entre a abordagem poética e científica do mundo. Esta alternância entre imaginação e razão não implica uma história irreversível; como só podemos conhecer cientificamente “aquilo, em torno do que sonhamos”, há sempre um resíduo de poesia em toda abordagem científica. A poesia torna o mundo nosso, familiar, pátria humana. Emerge de um inconsciente cósmico, do qual se enraíza. A valorização poética do objeto, empregando a imaginação e a fantasia, às vezes deturpa o conhecimento rigoroso; mas não é possível abandoná-la completamente. A poesia é a expressão do lado **noturno** do homem; é a linguagem através da qual o **esprit de finesse**, invenção, criação se expõe ao homem. Abandoná-la, é perder a dimensão humana, cortar as raízes do homem no mundo. Criticar as suas contribuições, traduzir sua verdade simbólica e seu impulso no âmbito da razão; essa, a tarefa do filósofo. “Os eixos da poesia e da ciência são, inicialmente, opostos. Tudo que a filosofia pode esperar é tornar complementares a poesia e a ciência.” (1).

Obedecendo à direção apontada por Bachelard, procuraremos estabelecer essa complementaridade, expondo o lugar das ciências e da arte no conhecimento humano.

O conhecimento do mundo é, inicialmente, poético. O animismo e o empirismo das experiências originárias atestam a presença de imagens e a relação dinâmica do homem com o mundo.

(1) Gaston Bachelard, *La psychanalyse du feu*, Paris, Gallimard, pág. 10.

Esquemáticamente, temos:



A relação estabelecida pela psicanálise, ética e crítica literária entre o sujeito e o mundo, no âmbito da criação artística é retomada pela pedagogia e epistemologia, no âmbito do conhecimento científico, evidenciando o seu caráter criador e intuitivo.

O dinamismo do conhecimento científico é explicado pela análise genética dos seus conceitos e teorias. A ordem genética da constituição das noções científicas parte do realismo ingênuo, passando pelo **empirismo** até chegar às diferentes gradações do **racionalismo** — desde a sua forma clássica (do tipo cartesiano) até o **racionalismo discursivo** ou crítico (surracionalismo bachelardiano).

Por isso, uma única filosofia não pode dar conta do espectromocional existente nas teorias científicas: “(...) é necessário agrupar todas as filosofias para podermos ter o espectromocional completo de determinado conhecimento” (1).

A pluralidade das ciências supõe um pluralismo filosófico, epistemologias regionais. Seu objetivo é “curar o espírito dos seus sonhos” (2) e descobrir “a ação de valores inconscientes na própria base do conhecimento empírico e científico” (3).

A compreensão das ciências, por Bachelard, tem méritos indiscutíveis:

a) oferece uma visão unitária do saber humano apontando a complementaridade entre a ciência e a arte;

b) aponta o caráter dinâmico do conhecimento, o que nenhuma epistemologia que se pretenda contemporânea pode ignorar.

Neste sentido, dá um primeiro passo na direção que afirma o papel do homem como um todo na constituição do conhecimento.

Sua visão é, contudo, antropocêntrica. E, por isso não consegue superar as crises da filosofia, quando esta se defronta com perspectivas antinômicas a respeito da significação e destino do homem;

c) A unidade do saber está fundada na atitude criadora do homem perante o real. Este impulso criador, originariamente poético, persiste nas frentes avançadas da ciência, sob a forma de descoberta científica. A partir

(1) Gaston Bachelard, **La philosophie du non**, Paris, P.U.F., pág. 49.

(2) id, **La psychanalyse du feu**, Paris, Gallimard, pág. 14.

(3) Id, *Ibid.*, pág. 23.

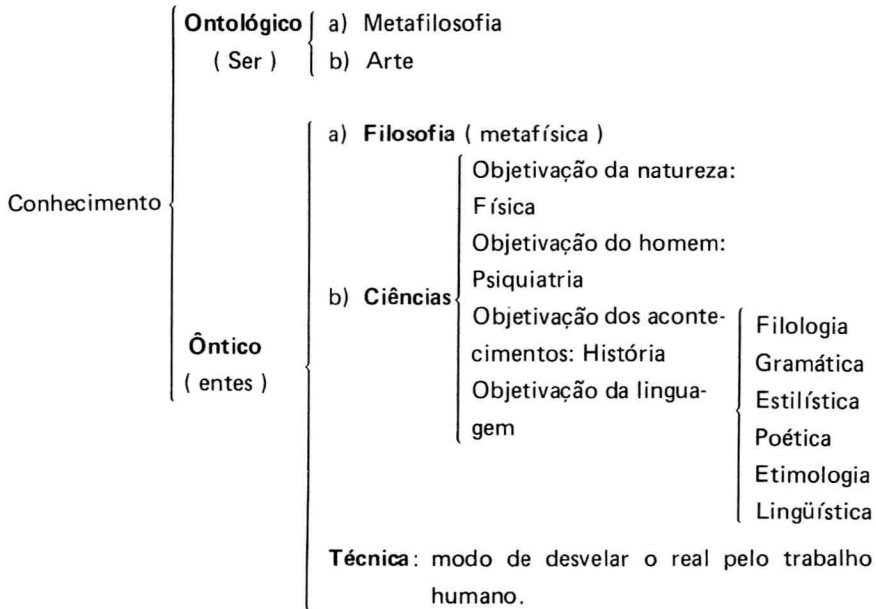
deste momento, poesia e ciência emergem como indissociáveis, o que leva Bachelard a dizer que “a ciência é a estética da inteligência”. A poesia, entendida como **poiesis**, é prioritária à ciência — entendida como sistematização do conhecimento. Uma mesma fonte gera a poesia — abordagem fantástica do mundo, recriação do mundo pelo sonho e pela beleza; e a **ciência**, reconstituição, construção do mundo, pela inteligência. É um **surracionalismo** que dá acesso ao homem a uma **supra-realidade**.

A tentativa de apontar a unidade do saber, ultrapassando as crises do pensamento filosófico antropocêntrico, emerge em **Heidegger**. O exame da situação das ciências, nesse autor, apresenta dificuldades semelhantes às que encontramos no estudo de Bachelard. A questão do significado o valor da ciência aparece em diferentes obras de Heidegger, mas não existe um texto único em que o pensador tenha abordado exaustivamente o assunto. A epistemologia heideggeriana propõe uma prioridade do ontológico sobre o ôntico, apoiada numa prioridade metafísica do ser em relação ao ente.

A célebre oposição entre o Ser e o ente, apontada na **Introdução à Metafísica**, serve de fundamento para a divisão do conhecimento. Podemos distinguir: o **conhecimento ontológico**, que se refere ao **Ser** (entendido como fonte originária de todo o saber). Fazem parte deste conhecimento a **poesia** e a **metafilosofia**.

O outro tipo de conhecimento a que Heidegger, se refere (*) são as **ciências ônticas**, que abrangem: a **filosofia** ou metafísica, como tal entendida depois de Platão e Aristóteles, até nossos dias: ciência que se refere ao homem, ao mundo e a Deus, buscando as essências; **as ciências que tratam da objetivação da natureza** (física), **da objetivação do homem** (psiquiatria), **da objetivação dos acontecimentos** (história), **da objetivação da linguagem** (filosofia, gramática, estilística, poética, etimologia, lingüística) e **as ciências técnicas**.

(*) Heidegger, “Science et Meditation”, in **Essais et Conférences**, Paris, Gallimard.



O projeto da unidade do saber, em Heidegger, aparece relacionado com a tragédia grega (*). Como os trágicos antigos, Heidegger procura referir o homem a uma dimensão meta-humana, a um saber mais abrangente que o científico, — porque poético — recuperando o sentido originário do **logos** que não indica a razão discursiva, mas a atividade criadora, **poiesis**. Tal projeto pretende superar a ruptura entre Ser e Pensar que teria ocorrido a partir da decadência da civilização grega, dominando a partir de então, toda a história do pensamento ocidental.

A concepção do conhecimento sugerida por Heidegger pretende ultrapassar a crise dos humanismos. É uma reflexão que propõe a ultrapassamento da perspectiva intramundana e antropocêntrica das filosofias atuais, buscando um ponto de referência que possibilite criticá-las e apontar soluções novas.

(*) Heidegger, introdução à metafísica, cap. IV, subitem "Ser e Pensar", RJ, Tempo Brasileiro.

Bachelard e Heidegger convergem em pontos essenciais: ambos indicam um caminho para a unificação do saber, que não é apenas científico, mas também metafísico e poético. Ambos afirmam a prioridade da **poiesis** em relação à ciência, bem como a sua aproximação dinâmica como condição do crescimento do saber. Ambos nos falam de uma antropologia poética, que supere os estreitos limites da razão discursiva e abra o homem a um surracionalismo, a uma surrealidade na qual o meta-humano se faz presente através da beleza.